



RESVERATROL COMO ANTIOXIDANTE PARA SÊMEN RESFRIADO SUÍNO

Elisa Caroline da Silva Santos¹; Matheus Junior Flach²; Tassi Vanzela²; Ligia M. Cantarelli Pegoraro³; Carine Dahl Corcini⁴; Thomaz Lucia Jr⁴

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Biotecnologia, Centro de Desenvolvimento Tecnológico-CDTec- UFPel, bolsista da CAPES. E-mail: elisa_css@hotmail.com

² Estudantes do curso de Graduação em Medicina Veterinária, UFPel.

³ Médica Veterinária, Doutora, Pesquisadora da Embrapa Clima Temperado

⁴ Médicos Veterinários, Doutores, Professores do Departamento de Patologia Animal, UFPel.

A inseminação artificial em suínos é uma importante ferramenta utilizada no melhoramento genético, sendo que, sua eficiência pode ser aumentada quando utilizada com sêmen refrigerado. Entretanto, o processo de refrigeração influencia a peroxidação lipídica provocando perdas na motilidade e viabilidade espermática, conseqüentemente, reduzindo índices de fertilidade. Uma forma de manter a viabilidade espermática é por meio do uso de antioxidantes no meio de diluição. Nesse sentido, o resveratrol é uma fitoalexina encontrada em várias plantas, especialmente nas uvas e no vinho, apresentando nessas e em seus produtos uma potente ação antioxidante. O objetivo deste trabalho foi avaliar a atuação do resveratrol adicionado no “*Beltsville Thawing Solution*” (BTS) durante o resfriamento de sêmen suíno. Para isso, foram utilizadas doses de sêmen de 22 machos, enviadas de uma Central para o Laboratório de Reprodução Animal da UFPel - ReproPel, as quais foram mantidas durante 8 horas em temperatura ambiente antes do resfriamento. Após esse período, o sêmen foi rediluído e acrescentado resveratrol em BTS, sendo realizados os seguintes tratamentos: T0 (BTS sem resveratrol), T1 (BTS + 0,1 µM), T2 (BTS + 0,05 µM) e T3 (BTS + 0,025 µM). Foram analisados a motilidade/vigor, antes do resfriamento e durante este, em tempos específicos (0, 24, 48h e 72h). Os resultados foram analisados pelo teste de Kruskal-Wallis (software Statistix 9.0). Não houve diferença estatística entre os tratamentos. Entretanto, dentro dos tempos analisados o T2 (70,5%; 52,8%; 31,1% e 25,6%) e o T3 (68,9%; 49,4%; 35,0%; 27,2%) apresentaram um menor efeito deletério na motilidade espermática. Os demais apresentaram uma queda maior na motilidade: T0 (72,2%, 48,3%, 21,7%, 14,4%) e T1 (66,6%; 38,9%; 18,9%; 12,2%). Para melhor acurácia desses resultados faz-se necessário que sejam realizados outros testes de qualidade espermática, como: integridade de membrana, de acrossoma, atividade mitocondrial e fecundação *in vitro*.

Agradecimentos: Capes